



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

ESTATUTOS DA Confraria de Nossa Senhora do Rosario de FÁTIMA

Art. 1.º — É canonicamente erecta no Santuário da Fátima uma confraria denominada — Confraria de Nossa Senhora do Rosario da Fátima. =

Art. 2.º — Esta confraria tem por fim: a) trabalhar pela conversão dos pecadores;

b) reparar os pecados sociais das nações;

c) promover o cumprimento dos preceitos da Santa Igreja especialmente quanto ao domingo e dias santos;

d) orar e auxiliar as missões entre cristãos e infiéis;

e) sufragar as benditas almas do Purgatório;

f) orar pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora do Rosario da Fátima;

Art. 3.º — Além das indulgências que serão pedidas á Santa Sé, os confrades terão direito:

a) á participação em todos os sacrificios, boas obras e mortificações dos doentinhos que recorrem a Nossa Senhora da Fátima;

b) ás Missas que se celebrarem no Santuário ou fóra dele por esta intenção;

Art. 4.º os confrades têm obrigação: a) de viverem cristãmente;

b) de darem a esmola mensal de \$20 (200 réis), sendo metade para Missas, segundo os fins da confraria

(art. 2.º) e a outra parte para o Culto de Nossa Senhora. Estas esmolas serão recebidas em listas por colectores ou colectoras que se prestem a esta obra de piedade e caridade.

Art. 5.º — Os confrades são aconselhados: a) a recitarem todos os dias, de preferencia em publico ou em familia ou, pelo menos, em particular, o terço do Santo Rosario;

b) a comungarem, sendo possível, mensalmente e da mesma forma assistirem ao Santo Sacrificio da Missa no dia 13 de cada mês em união com os peregrinos;

c) a trazerem consigo uma medalha tendo dum lado a imagem do S. Coração de Jesus, e do outro a de Nossa Senhora do Rosario da Fátima. Esta medalha pode substituir os escapulários.

Art. 6.º A confraria de Nossa Senhora do Rosario da Fátima terá uma direcção composta de presidente, secretario e tesoureiro, nomeados pelo Prelado da Diocese. Esta comissão prestará contas todos os anos na forma do direito, ao Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo.

Leiria, 15 de Janeiro de 1928

Aprovados os Estatutos ut supra na forma do Direito.

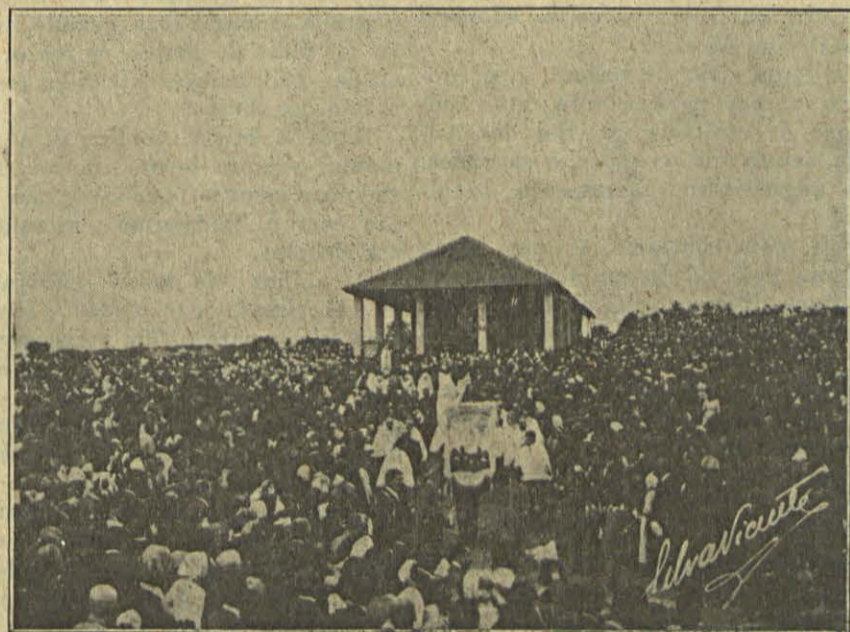
Leiria, 15 de Janeiro de 1928

† *José, Bispo de Leiria*

dum rio manso e tranquilo, de aguas puras e cristalinas, que desliza suavemente para a sua foz. Não se julgue, porém, que o local das aparições, ha dez anos teatro de tantas maravilhas divinas, se transformou de repente, como que ao mágico contacto duma varinha de condão, num páramo deserto, e solitário, onde o silêncio só é cortado de vez em quando pelo grasnar dos corvos da montanha ou pelo sibilar dos ventos em luta nos alcantís da serra durante as noutes tempestuosas do Inverno. Já não se vêem grupos numerosos de peregrinos, já não se erguem, vibrantes de entusiasmo, hosanas a Jesus-Hóstia e vivas e aclamações á Virgem, já os cânti-

do seu reconhecimento e do seu amor.

E quantos filhos de Portugal, uns acalentados ao seio da mãe-pátria, outros dispersos pelas cinco partes do mundo, na impossibilidade de irem tributar pessoalmente as suas homenagens á Rainha do Céu no santuário da sua predilecção, voltam os seus pensamentos e os seus affectos para aquela estância bendita, afim de implorar da Mãe de misericórdia, que é o refúgio dos pecadores, a saúde dos enfermos e a consolação dos aflitos, bálsamo para as feridas da alma, remédio para as chagas do coração, cura ou lenitivo para as enfermidades do corpo!



Maio de 1927 — Volta da Imagem de N. Senhora para a sua capelinha

cos piedosos não enchem de celestial harmonia aquela estância privilegiada do Céu, mas continúa, sem solução de continuidade, o vaivém dos romeiros isolados, que se sucedem na sua guarda de honra aos pés de Cristo-Rei, occulto no seu Sacramento de amor, e junto da Imagem miraculosa da sua augusta Mãe.

Durante a quadra invernososa é sobretudo Fátima com os seus quarenta povoados que fornece o maior contingente para essa gloriosa guarda de honra. Mas, ao lado dos inúmeros peregrinos das imediações da Cova da Iria, aparecem com frequência almas piedosas que vêm de longes terras, apesar das intempéries da estação e á custa de sacrificios de toda a ordem, render á celeste Padroeira dos portugueses o preito fervoroso da sua veneração,

Frio, nublado e triste, como costumam ser os dias em pleno coração do Inverno, foi o dia treze de Janeiro último. Contudo, apesar do rigor da estação e da iminência da chuva, os peregrinos acorreram em grande número aos santuários de Fátima, para assistir aos actos religiosos comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Próximo do meio-dia solar, uma grande multidão, composta de muitas centenas e talvez de milhares de pessoas, concentra-se em torno da capela das missas.

O movimento no Posto das verificações médicas é insignificante: são inscritos nos respectivos cadernos apenas os nomes de algumas dezenas de doentes, que, á medida que vão sendo observados pelos médicos

CRÓNICA da FÁTIMA (13 DE JANEIRO)

Com a chegada do frio, da neve e das chuvas torrenciais do Inverno, a vida religiosa nos santuários da Lourdes portuguesa perdeu, como aliás era de esperar, a animação e a exuberancia própria dos dias grandes e inolvidáveis da Primavera e do Estio.

Estamos agora na época do ano mais calma e mais propícia ao recolhimento e á oração: cessou por completo o fluxo e o refluxo das multidões na Cova da Iria e, em vez do rugir clamoroso das vagas dum oceano revólto e encapelado, apenas se ouve o doce murmúrio

de serviço recebem os cartões de ingresso no Pavilhão.

Cá fóra, na imensa esplanada, os piedosos romeiros cruzam-se num contínuo movimento de vaivém entre a capela das missas, as fontes da água miraculosa e o padrão comemorativo das aparições.

Defronte do recinto reservado aos doentes, na ocasião em que se celebra a penúltima missa, uma senhora nova, aparentando ter pouco mais de vinte e cinco anos de idade, ajoelha, longe do grosso da multidão, sobre a terra nua, precisamente no momento em que a Hóstia Santa se eleva nas mãos do sacerdote entre a terra e o Céu, como vítima de expiação dos pecados do mundo.

Numa atitude que traduzia sentimentos de sincera e acrisolada piedade, com os olhos fixos no altar distante e os lábios contraídos em fervorosa expressão de supplica a desconhecida parecia a estátua viva do sofrimento resignado. Pelas faces pálidas, levemente ruborizadas, deslizavam-lhe em silêncio, grossas como punhos, lágrimas abundantes, que ninguém poderia dizer se eram de fundo pesar ou de ardente amor.

Quem és tu, alma desconhecida, que sofres e choras, aos pés de Jesus e Maria, como João e Madalena junto á cruz, no cimo do calvario?

E's um anjo de inocência, que o Espôso das virgens atrai, como atraiu outrora o discípulo amado, que na última ceia reclinou a fronte virginal sobre o peito adorável do Divino Mestre?

E's um lírio de pureza, que procura unir-se para sempre, num amplexo de caridade, ao Rei dos Anjos, oculto sob as espécies sagradas, no augustíssimo sacramento do altar?

Ou, pelo contrário, és uma alma roçada pelo pó do mundo, mas que a graça divina purificou e transformou, como a rica e formosa castelã de Magdalo, tornada, mercê do seu arrependimento e do seu amor, a Madalena de Betânia e a Madalena do Gólgota?

E's um anjo caído, que perdeu as azas da inocência, mas que as recuperou á custa duma reparação generosa, para voar ainda mais alto nas vias misteriosas e insondáveis do Amor misericordioso, como hóstia imolada num holocausto peregrino de expiação e resgate?

Segrêdo de alma êsse, sagrado e inviolável, que só a Deus e aos seus ministros sobre a terra, no sacramento da misericórdia e do perdão, é dado perscrutar!

Que intenso e comovente labor de regeneração, que mágoas pungentes, que lutas tremendas, que sacrificios generosos, que tesouros de virtude, que martírios de penitência, que riquezas infinitas de amor puríssimo nas almas e nos corações de tantos peregrinos que passam pela Cova da Iria!

Bem dita seja, mil vezes bem dita, a gloriosa Rainha dos Anjos, que se dignou suscitar no recesso ignorado duma serra, o cadinho imenso, incessantemente activo, em que se purifica e transforma, no fogo da contrição, da penitência e do amor, a terra pecadora de Portugal!

Ao meio-dia solar organiza-se na fórmula do costume, a procissão da Imagem de Nossa Senhora do Rosário, que é conduzida, aos ombros das servitas, da capela das aparições para a capela das missas. Colocada a veneranda Imagem sobre o seu pedestal, ao lado direito do altar, começou a missa dos doentes.

Ao mesmo tempo o rev.do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, inicia a recitação em comum do terço do Rosário.

A multidão, crente e piedosa, em que não se encontram, como nos meses do Verão, pessoas que assistem aos actos religiosos por mera curiosidade, reza com um fervor e um recolhimento que edificam e encantam, propiciando o Altíssimo e criando a atmosfera favorável á descida das graças celestes. No momento solene da elevação, em toda aquela estância divinal, o silêncio torna-se profundo, sendo cortado apenas pelo som argentino da campainha litúrgica e pelo brando cicciar das preces, que se evolvem de milhares de lábios.

Assim que o celebrante pouxa o calix da salvação sobre a toalha branca de neve que cobre a mesa do altar, um formoso cântico em louvor do santíssimo e augustíssimo Sacramento da Eucaristia irrompe de centenas de peitos, num impulso fremente de fé viva e de piedade acrisolada.

Ao *Postcommunio* o rev.do Manuel de Souza, reitor dos santuários de Fátima, administra a Sagrada Comunhão a grande número de fiéis de ambos os sexos, que ainda não tinham podido receter o Pão dos Anjos.

Após a missa, realiza-se a cerimónia, sempre bela, sempre encantadora e sempre comovente, da bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Os olhos de todos marejam-se de lágrimas, as preces e invocações sobem para o Céu mais veementes do que nunca, a fé, a esperança e as comoções mais intimas do coração transluzem dos rostos emaciados pela compaixão dos males alheios e parece que o Anjo do conforto divino, descendo piedosamente da côrte celeste, derrama sobre as almas e sobre os corpos o bálsamo consolador das dores morais e dos sofrimentos físicos.

Cantado o *Tantum-ergo* e dada a bênção geral, sobe ao púlpito o rev.do José do Espírito Santo, pároco do Reguengo do Fétal, que, tomando para tema o Evangelho da festa da Epifania, prêga um substancioso sermão sobre as aparições da Virgem e as suas consequências de ordem moral e religiosa, exortando os ouvintes a seguir sempre fielmente Maria Santíssima — a mística estrela do mar que nos mostra o caminho para Jesus.

Com a recondução da Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das aparições, que se efectuou logo que o orador sagrado concluiu o seu discurso, terminaram os actos oficiais da peregrinação.

Principia então a debandada. O céu plúmbeo, onde o sol, um frouxo sol de Inverno, se esconde sob o manto das nuvens que o cobrem literalmente, ameaça desfazer-se em água e a breve trecho

uma chuva miudinha e impertinente começa a cair.

Os peregrinos abreviam as orações de despedida e apressam a partida. E, antes que o astro-rei, envolto no seu manto de nuvens, transpuzesse a linha do horizonte longínquo, num pôr de sol invisível, o vasto recinto da Cova da Iria, onde a cada passo se renovam as scenas portentosas dos tempos bíblicos e onde em breve será elevada á Mãe de Deus uma basílica insigne, um majestoso e imponente palácio de rainha, imerge de novo no silêncio e na solidão dos tempos idos, quando a nobre Padroeira de Portugal ainda não tinha na terra do Santo Condestável erigido o trono magnífico das suas glórias e aberto o cofre inexgotável das suas infinitas misericórdias...

Visconde de Montelo



Joaquina Duarte

Não é lenda. O facto passou-se na freguezia da Barreira nos primeiros dias de Janeiro deste ano.

Despontava ainda para a vida. O corpo era já o de uma mulher feita, um corpo adulto.

Mas a esse corpo de mulher estava unida numa existencia infantil a alma candida, inocente duma creança.

Sim, apesar dos 17 que estava quasi a completar, conservava o á vontade, as maneiras, o todo duma deliciosa creança.

Creança na paz tranquila do seu olhar, creança na franqueza ingénua do seu falar.

Creada por entre os pinheirais donde a sua casa, numa isolação eremitica, alvejava a distancia, a Joaquinita, como lhe chamavam, parecia á primeira vista acanhada, mesmo bisonha.

Mas logo ao trocar da primeira palavra era como um abrir de alma numa alegria efusiva, infantil, que ninguém ali suporia.

Um rir cristalino desprendia-se-lhe de todo o rosto como a mostrar a paz da alma que ali vivia.

Foi sempre assim. O riso, a alegria são é propria das almas puras.

Os outros riem de quando em quando, mas o seu riso é torvo, fingido, forçado.

E sentem pena de não poderem rir sempre, de não poderem prender em si a alegria forte que reina em outras almas.

A mãe queria-lhe muito. Não tinha nenhuma outra filha: amava-a ainda mais. A's vezes, saudosa, chamava-a lá de dentro.

—Oh Joaquina!
—Senhora.
—Anda cá!
—Que me quer vossemecê?
—Anda cá!

E junto da mãe perguntava-lhe de novo se lhe queria alguma coisa. Ela, satisfeita com a bondade e a alegria da filha, contemplava-a avidamente e respondia sorrindo:

—Não te queria nada. Olha! Queria-te vêr!

E a pequena retirava-se como que enlevada naquele delicioso logro em que a mãe a fizera cair.

E a scena foi-se repetindo no intimo daquele bemdito lar de forma que no fim quando a mãe lhe dizia:

—Anda cá!, a filha sabendo para que a chamava respondia só: «Ora...» e deixava-se ficar.

Aquella alma naturalmente recta e pura sentia em si a força poderosa da

graça mas sabia bem que é necessário conservá-la, alimentá-la, defendê-la.

São tantos os inimigos a querer roubar-no-la!...

Era por isso que embora se não proporcionasse á ocasião de se poder alimentar dia a dia com o Pão Divino descido dos Céus, ia contudo com frequencia até junto da mesa sagrada.

E ficava-lhe a alma tranquila, embebida naquele em Quem puzera as suas delicias e voltava de lá mais alegre, mais perfeita, mais pura.

Sem o sentir, a comunhão era para ella o vinho que gera as virgens.

E ia-se assim fortalecendo...

As reuniões das Filhas de Maria, a cuja Associação pertencia, traziam-lhe frequentemente a ideia do amor que uma rapariga cristã deve ter á virtude que lhe dá um brilho especial a ela e a toda a alma cristã.

Quem a visse julgá-la-ia uma rapariga vulgar, como tantas, inferior mesmo a outras que pareciam e eram mais piedosas, e ignorava a mansão de inocencia e pureza que o Espirito de Deus se ia preparando naquela alma.

A santidade e o amor mostram-se na ocasião, nas tentações.

Até lá quem sabe o que é, o que vale uma alma?!

Mas essa hora chegou enfim.

A tentação apresentou-se-lhe com toda a violencia.

A Joaquinita resistiu.

Ela sabia bem que a Virgem Santissima a quem tantas vezes e tão fervorosamente encomendara a sua virtude, não havia de permitir a sua queda.

E, segura assim da protecção Materna, Joaquina Duarte vivia despreocupada sem pensar talvez na lucta que um dia teria de sustentar, no epilogo tremendo dessa lucta heroica.

O grande dia chegára realmente. Despreocupada, tranquila como a natureza em volta dela, ia seguindo ao longo do rio Liz.

De repente, surge-lhe ao lado alguém. A'quelas horas... naquele sitio...aquella pessôa...não podia haver ali boa intenção.

Poz-se em guarda.

Agarram-na...

Lucta, defende-se heroicamente e manda a Deus a alma virginal antes que haja tempo de lhe profanar o corpo.

Terminando a lucta apenas com o terminar da vida, aquella joven voava a receber no céu a coroa imarcessivel que o Esposo Divino Lhe apresentava lá.

E subiu.

E foi coroada, glorificada.

Anoiteceu.

A mãe em cuidados. Mas lembrando-se que ficara em casa da familia, que fóra visitar, acabou por socegar.

No dia seguinte a filha não aparecia.

«Lá não ficára»

Ao ouvir isto a mãe, num cruel presentimento, como os teem os corações de mãe, exclama em soluços.

—Mataram a minha filha!

Mal ela sabia o que se passara.

Mas dentro em pouco a scena tremenda reconstruía-se completamente.

Junto do rio, procurando-a, alguém descobre nos rastros sinal de lucta; por entre as silvas o chale, e, finalmente, dentro do rio o corpo inerte.

Acorrem todos; tiram-na e levam-na para a sua casa.

A autopsia atesta a virgindade immaculada daquele cadaver.

E as suas amigas e os seus conterrâneos todos levam-na em triunfo.

Não foi um enterro como o das outras pessôas.

Foi uma deposição como o das antigas martires.

Inês, a formosa Romana, martir da sua virtude, acolhia-a triunfante.

Vinham-lhe ao encontro Cecilia, Eulalia, Luzia, Iria e tantas, tantas, que com a purpura do martyrio divinizaram a candura immaculada da sua pureza.

Mas na terra fazia-se côro com a Igreja triunfante.

As suas companheiras, amigas e irmãs, levavam-lhe os restos mortais — instrumento da sua gloria — entre lagrimas sim, mas de saudade, de alegria pelo triunfo, que não de pena pela passagem.

De véu branco lembravam um cortejo nupcial.

Na alvura dos seus veus aquellas rapa-

AS CURAS DA FATIMA

rigas eram bem o simbolo da pureza da sua irmã.

Nos enterros costuma tocar-se o sino em plangentes dobres.

No dela não que o dia providencial do seu enterro o prohibia.

No caminho, da capela onde estava depositado, para o cemitério, onde ia dormir o ultimo sono, saiu-lhe o pai ao encontro.

Pararam todos.
«Deixem-me despedir da minha filha» disse com a voz entrecortada de soluços.

E ajoelhando, ergueu as mãos e beijou a filha.

Toda a gente chorava de comoção. E na igreja, quando a vista cá na terra tinha que despedir-se dela pela ultima vez, toda a gente queria beijá-la.

Tinha já quatro dias aquele cadaver, era perigoso beijá-lo, observa alguém prudentemente.

Mas o frescor virginal das faces suavemente rosadas como em vida, cor extraordinária que toda a gente notava, o carminado dos labios, o todo daquêle rosto parecia desmenti-lo.

Então um velho, debulhado em lágrimas:
«Beijem-na, beijem-na mesmo de longe.»

E outro:
«Estás aí porque és uma santa».

No meio de tanto lodo que uma moda degradante atira ao corpo e á alma da mulher portuguesa; no meio de tanta baixeza que, aqui e além, se nota e de que ela é por vezes vítima e causadora, como alenta contemplar estes exemplos de heroica virtude cristã!

Eram assim as mulheres portuguesas de outrora.

Hoje?...
Hoje... a par de muita miséria, de muito despudor ha ainda, sobre o monturo lírios immaculados a levantarem para o céu em prematura e candida florescência.

Ah! que se as mulheres, se as raparigas cristãs de hoje o soubessem ser profundamente nos trabalhos quando a lingua destreada procura abocanhar o pudor e a modestia; nas ruas e nas praças, quando a procaciedade dum gesto lhes assestia o olhar; nas reuniões, nas leituras, na familia, em toda a parte; se ellas soubessem respeitar e fazer respeitar em si o que elas teem de mais precioso, de mais sublime, de mais angelico, veriamos depressa reformados os costumes da nossa sociedade.

Mas que, aquellas ao menos que, por vezes, no intimo da sua consciencia, se sentem fraquejar, saibam haurir do exemplo desta heroína — uma aldeã de 16 anos apenas — um pouco mais de força, de coragem, de tenacidade, na lucha ingente pela sua virtude.

Filhas de Maria de todo o Portugal, nas vossas reuniões lembrai, ufanas, o exemplo desta vossa irmã, conservai-lhe viva a memoria, recorrei a ella — que no mais aceso da lucha saberá decerto lá do Céu aldar-vos a protecção d'Aquella que lhe foi Modelo, Protectora e Guia.

Luctai como ella!
Nas coisas pequenas onde o Senhor experimenta por vezes a nossa fidelidade; no mais intimo da vossa alma onde a unica testemunha é Deus luctai, luctai, corajosamente!

Luctai, vencei!
E dizei-vos por felizes em morrer antes, como ella, do que ceder, do que puluir-vos como outras.

Por mais alta, por mais bela que viesse a ser a vossa situação cá neste mundo, não ha honra mais subida, gloria mais pura, corôa mais fulgurante para a cabeça dumã rapariga do que o titulo singular e sublime de **Martyr da virgindade.**

No dia de S. Inês

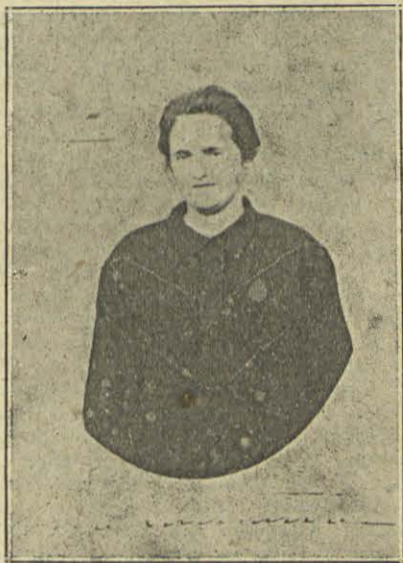
À Santa Missa

«Eu consolarei e socorrerei, á hora da morte, quem tiver assistido ao santo sacrificio com assiduidade e devoção; enviarei para o acompanhar nessa terrível passagem tantos dos meus santos quantas missas tiver ouvido».

(Palavras de N. Senhora a Santa Matilde)

Ana Santana, solteira, creada de servir, de 28 anos de idade, natural e residente em São Martinho de Cambres, Concelho de Lamêgo, vem cheia de reconhecimento publicar, no jornal a Voz da Fátima, um milagre que a SS. Virgem lhe fez no dia 13 d'agosto de 1927, no lugar da Cova da Iria.

Achando-se a servir em casa da Ex.ma Sr.ª D. Maria da Gloria de Sousa Guedes, desta freguezia e resolvendo esta Senhora encorporar-se na Peregrinação de Paranhos (Porto) que por essa ocasião se fez ao Logar privilegiado, pensou,



Ana Sant'Ana

quasi á ultima hora, em levar consigo a sua criada que há anos sofria uma doença horrível, sendo por vezes sacramentada, não havendo esperança de se curar. Fez uma viagem tormentosa, lá passou muitissimo mal, dando bastantes aflições a sua Senhora. Colocou-se no logar dos doentes, recebeu Jesus Sacramento, assistiu á missa dos doentes, cheia de fé e ao mesmo tempo de sofrimento, recebeu a Benção particular do S. S. e depois da benção geral caiu desmaiada, conservando-se nesse estado algum tempo.

Antes de vir a si, começou a sorrir e a levantar as mãos para o Céu, dizendo: foi Aquella que me curou, foi Aquella que me curou. Despertando sentiu um bem estar indizível, ficando completamente curada.

Logo agradeceu á S.S. Virgem do Rosario da Fátima tão grande graça e no regresso fez uma viagem excelente. Desde então come, trabalha e, sente-se bem.

Envia o Atestado medico e a sua fotografia pedindo o obsequio de ser publicada esta breve noticia na Voz da Fátima para honra e Gloria da SS. Virgem.»

ATESTADO

Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior, medico, certifico que Ana Sant'Ana, solteira, residente no logar da Portela, da freguezia de Cambres, concelho de Lamêgo, foi por mim operada por duas vezes em 1920 duma exostose na sutura parietal, produzindo fenomenos de compressão cerebral que a impossibilitavam de trabalhar; que por mim foi novamente operada sete anos depois em março do corrente por se repetirem os fenomenos de compressão, ficando depois da operação com cephalgias por vezes rebeldes e que agora se considera completamente curada ha 3 mezes e por ser verdade e me ser pedido passo o presente.

Lamêgo 30 de novembro de 1927.

(a) Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior

Luis Agostinho Teles de Camara de Lobos, (Ilha da Madeira) escreve em carta de 29 de novembro ultimo.

«Permita-me V. Ex.cia que eu venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne inserir no seu jornalsinho a Voz da Fátima o relato d'uma cura, que só milagrosamente podia ter sucedido.

No dia 5 de Maio de 1927 o meu filho Luiz teve a infelicidade de cair do lugar mais alto (27, m 41, dando só um trambulhão vindo a dobar pelo ar), da rocha

do Ilheu de Camara de Lobos, cerca das 15 horas precisamente quando estava a findar 11 anos de idade.

O meu Luiz ficou muitissimo mal, com a perna direita fracturada, com uma grande abertura na perna esquerda de baixo do joelho, vendo-se os tendões e os ossos, teve uma abertura noutro ponto da perna, o braço direito sem acção, completamente paralitico, perdeu os sentidos não falando e não ouvindo, parecendo irremediavelmente perdido. Ficou também com uma ferida na cara e outra no queixo e o pé direito muito negro e inchado, emfim, uma lastima.

Com muita aflição mandei aprontar uma rede e acompanhei-o á igreja para o doente receber a Sagrada Unção, o que se fez imediatamente. Em seguida foi para o Hospital do Funchal.

Devo dizer que meu filho foi muito bem tratado no Hospital tanto pelo Ex.mo Snr. Dr. António Felix Pita que fez a operação da perna fracturada como pelos outros Ex.mos Snrs. Drs. e todo o pessoal.

Mas quando o doente chegou ao Hospital, eu e os que viram e tambem os Snrs. Drs. julgavam que o meu Luiz não escapava, em vista do estado, em que estava e ter urinado sangue.

A primeira noite passou-a abetidissimo. No dia 6 parecia-me que morria antes do meio dia, o que não sucedeu, continuando a estar ás portas da morte.

No outro dia (sabado, 7—5) uma Ex.ma Snr.ª muito amiga do doente, com muita fé e caridade trouxe-me ao quarto particular do Hospital, onde estavam eu e minha mulher para fazermos companhia ao nosso filho, um vidrinho com agua de Nossa Senhora de Fátima e, com as lagrimas nos olhos, deitou um pouco da mesma agua na cabeça, nas per-



Luiz Augusto Teles Junior

nas e mais feridas, e tambem, a deu a beber ao doente.

Nesta ocasião a criança descançou uns 10 minutos, para quem não descançava tempo algum, foi já uma grande esperança.

Eu e minha mulher estávamos muito aflitos resando e pedindo a Deus que o nosso filho escapasse, mas parecia-me impossivel, dada a forma como se achava, abatido e agoniado, querendo com a mão esquerda arrancar o cabelo da cabeça, parecendo nas agonias da morte.

Continuei a dar a beber uma pequena porção de agua de N. S. Fatima e a deitar uns pinguinhos sobre as ataduras das feridas, e o meu Luiz a sentir leves melhoras, até que no dia 10 o Ex.mo Snr. Dr. Pita, coadjuvado pelo Ex.mo Snr. Dr. Clode, encanou a perna direita, que como acima disse estava muito fracturada parecendo ao Snr. Dr. Pita que talvez não soldasse em vista de estar muito esmigalhada, calculando-se que o meu Luiz ficasse sem a perna.

Para ser feita a operação foi preciso cloroformisa-lo.

Continuando o meu doente a descançar mais alguns minutos, foi melhoran-

do até que passou a descançar mais algum tempo durante a noite, e no fim de 12 dias recuperou a fala mas dizendo coisas trocadas retomando tambem a acção do braço direito.

No fim de 25 dias a perna estava completamente soldada, com grande admiração dos Snrs. Drs. dizendo estes que o criança teve muita sorte em escapar e ficar com a perna e que elle tinha visto as barbas de S. Pedro no céu.

No fim de Agosto passado andava já bém e hoje passados quasi 7 mezes, anda desembaraçadamente sem se notar defeito algum.

Todas as pessoas que conhecem a Rocha e que sabem que o meu Luiz escapou daquele abismo sem defeito, são de opinião que foi um grande milagre da Santissima Virgem como estou absolutamente convencido que assim é, escrevo esta descarregando assim a minha consciencia.

Algumas pessoas mais idosas do bairro teem lembrança de ter caído da mesma rocha mas de lugares mais baixos 5 pessoas, que morreram, Deus queira que mais ninguém caia, mas é opinião de muita gente, que do lugar que o meu filho caiu não escapa 1 por mil.

Acresce que o Luis estando na 3.ª classe e ficando desde 5 de Maio sem poder frequentar a escola, quando voltou no fim de julho não estava esquecido do que tinha aprendido e comprehendia tudo com a mesma facilidade, pelo que teve passagem á 4.ª classe como os outros seus condiscipulos e como se não tivesse sofrido aquele horrível desastre.

P.e Manuel Fernandes Lopes de Viana do Castelo, escreve:

«Para cumprimento de uma promessa e maior glória da Santissima Virgem pedia a V. Ex.cia o favor de publicar esta grande graça que recebi de Nossa Senhora:

Padecia há 19 anos de um grave incómodo intestinal que muito me fez sofrer nessa temporada. Durante muitos anos tratei-me com um distinto especialista do Pôrto, que, a-pesar-de eu lhe ter falado várias vezes em intervenção cirurgica, dizia que não era caso disso.

Por conselho de médicos daqui fui 6 anos seguidos ao Gerez e 9 a Caldelas, mas dessas curas de água apenas recolhia o beneficio de passar melhor o inverno.

Em 1926 agravou-se o meu estado a ponto de vomitar a comida. Resolvi então ir nóvamente ao Pôrto e consultar o Ex.mo Sr. Dr. Morais Sarmiento, que durante dois dias seguidos me sujeitou a quatro demorados exames, alguns dos quais chegaram a durar duas horas; mas a doença mostrava-se de difficil diagnóstico. S. Ex.cia taceava, radiografava, e, no entanto, a causa oculta da moléstia parecia zombar de todas as pesquisas scientificas.

Quando no quarto exame me encontrava no aparelho radiográfico, já cansado e sem forças, invoquei mentalmente o auxilio de Nossa Senhora de Fátima pedindo-lhe que fizesse ver ao médico a raiz da minha enfermidade. E (coisa singular)! o clinico, que não podia adivinhar o meu pensamento, exclamou imediatamente:—Já sei, já descobri a causa do seu mal; Precisa de fazer quanto antes uma operação cirurgica; e endereçou-me para o distincto operador Ex.mo Sr. Dr. Morais Frias, que ratificou o diagnóstico e declarou a necessidade de fazer quanto antes a operação.

No dia 3 de Março de 1926 fui operado, e, graças a Nossa Senhora de Fátima, encontro-me completamente restabelecido, comendo bem e fazendo trabalhos do meu ministério que até ali me era impossivel executar.

Para agradecer a Nossa Senhora tão grande beneficio fui a Fátima em 13 de Outubro de 1926, e agora, depois de um ano de completo bem-estar, venho expor o facto com toda a simplicidade no jornal «Voz da Fátima», que é o pregoeiro das misericórdias de Maria Santissima.»

Adelina Aurora França Guimarães, da Avenida Almirante Reis 119, Lisboa, em carta de 12 de Dezembro, informa:

«Em novembro de 1926, senti umas dores muito grandes, na cabeça e ouvido.

Dias depois, tinha a face esquerda paralisada, ficando com a boca torcida, sendo difficultoso tomar alimento e, falar, não passava do á, á, á, e o meu riso era duma parvinha!

Minha mãe levou-me a um especialista, recebendo a resposta seguinte:

Depois da doença avançar tanto, é que vêm cá? Emfim!... Vá ao hospital receber choques eléctricos...

Fiquei triste!

Antes do tratamento senti desejo de visitar o Sagrado Lausperene e recorrer a Nossa Senhora de Fátima com uma novena.

Caso assombroso!

No fim da novena, estava completamente boa, sem defeito algum e tão bem disposta, que foi a admiração de todos.

Venho publicamente agradecer a Nossa Senhora de Fátima, a esmola de tão grande graça e gritar bem alto, que já passou um ano e cada vez estou melhor.

Maria da Nazaré Pires, da Vila da Ericeira diz:

«Venho agradecer a Nossa Senhora do Rosário da Fátima o que prometi publicar no seu jornalinho. Uma graça particular, pois fui ouvida por Nossa Senhora. Também alem desta, a cura dum dêdo de uma infecção, havia 3 mezes que não podia fazer nada e algumas noites sem poder dormir.

Receiava ir ao médico e ficar sem o dêdo que parecia estar todo feito em pus. Comecei a pôr pachos da A'gua de Nossa Senhora da Fátima e em poucos dias estava boa. A minha mãe agradece a cura dum quisto numa mão e a cura dum braço que tinha muito inchado com uma impingem. A' noite pôz com muita fé uns pachos da A'gua de Nossa Senhora e de manhã estava verdadeiramente bem. Tinha desaparecido a empingem por Misericórdia de Nossa Senhora da Fátima.

13-12-1927

OUTRAS GRAÇAS

Veem agradecer-as a N. Senhora do Rosário: Julio Augusto Narciso Neves, Flamira de Matos, de S. João de Valega. D. Alilia Isilda Barbeitos da Silva de Arcos de Valdevez. Guilhermina Rosa da Silva, de Salreu (Estarreja) a cura de uma sobrinha—que sofria de um ouvido desde creança.

Jesuina da Conceição de Jesus, de Quatro Ribeiros, Ilha Terceira. Margarida Gomes (Av. 5 d'outubro, 194—Lisboa a cura de uma ferida numa perna.

Angelica Cardoso (Trav. do Alcaide-7 Lisboa), tendo pedido no dia 13 de dezembro uma graça que obteve no dia seguinte em que fazia 28 anos. Antonio Pereira Dias, de Capela de Cima, S. Romão (Rezende) a cura de seu filho Mario de uma ferida em uma perna.

Abrigo dos doentes peregrinos de Fátima

Transporte	5.550\$05
D. Laura Barbosa	10\$00
D. Dulce Martins d'Azevedo	30\$00
D. Lucinda Magriço Coutinho Martins	10\$00
D. Herminia Nunes de Carvalho	5\$00
D. Maria da Luz Pereira Rodrigues	10\$00
D. Venina Alves Peixoto	5\$00
Uma filha de Maria de Angra	10\$00
Antonio Pinho Vargas da Silva	10\$00
	5.640\$05

Escolha de noivo

(Página do livro recente: *uma victima da seita negra*).

«—Tenho de dizê-lo. E repito-o. E o senhor deve compreendê-lo. Entre nós há um abismo imenso. Eu sou cristã, tenho fé e pratico-a. E o senhor nem baptizado é!

—Mas deixa-a livre...

Lina toma a ofensiva. E, em tom amargo, redarguiu-lhe:

—Ah! deixava-me livre!... Quer dizer não me proibiria da missa ao domingo nem talvez da confissão por desobriga. Mas sempre esperando em que, mais tarde ou mais cedo, me arrastaria

ao seu modo de pensar! Quantas raparigas que, tendo fiado de promettimentos assim, constatarem depois, mas tarde de mais, que, com uma mentalidade de ódio religioso, como é a sua, essas promessas eram, pelo menos impossiveis de cumprir!...

Mário quer protestar, defender-se. Lina, porém, sustendo-o com um gesto, continou:

—O senhor é sincero. Por isso convenho que me não fizesse proibições de viva voz. De acordo. Mas bem sabe que há muitos modos de proibir...

—Juro-lhe que...

—Não, não jure. Porque o senhor não é capaz de fazer que o que é de deixe de ser.

Não esqueça que, a poucos quilómetros, está o olho alerta do papão espetrado sobre si. O senhor não é livre, seu. Pertence á Loja. E isso, meu ver, é uma coisa que o diminue. Por outro lado, para que o senhor pudesse cumprir o seu juramento, seria preciso que lhe substituissem, por outro, esse cérebro caldeado no ódio ao que eu tenho de mais caro no meu coração. E isso é impossível. Pelo que, quando eu chegasse de comungar, não só não poderia dizer-lhe os jubilos da minha alma, mas teria mesmo de os ocultar, para o não fazer sofrer. Teria de voltar bruscamente a página e calar, cá dentro, as certezas da minha fé, as alegrias do meu amor!...

E isto, um dia e outro dia, e até ao fim da minha vida!...

Bem vê que seria um viver horrível, uma noite fechada em que nos estalariam os corações, apesar das nossas mãos crispadas sobre eles, para os contermos!

E' que a religião é como o ar: aparece em toda a parte. E' da religião que derivam uns mil pequenos nadas que, sendo embora, a vida da mesma vida, eu não sei se lhes poderia chegar a fazer compreender e sentir. Ora esses pequenos nadas haviam, por força, de contrariá-lo. E, mesmo a seu pesar, protestariam, contra eles, os seus olhos, a sua atitude e até o seu silêncio!...

Mas não é só isso. Supondo mesmo que lhe fôsse possível responder por si, o que o senhor não poderia era responder pelos seus compromissos, pelas suas relações...

Quantos inimigos da minha crença que, tendo de os aceitar á mesa, teria de ouvir a mofar do que eu mais amo — e sem poder responder-lhes!

O senhor nem é livre, nem é só. Vem com o seu passado, com os seus juramentos, com o seu futuro. Casar-me eu com tudo isso?

Nunca!...

Lina fez um gesto rápido, decisivo, como um fulminar de montante.

E, num tom de voz que não admitia réplica, continou:

—Antes esposar um pobre cavador, mas cristão! Ao menos poderia dizer-lhe num sorriso comunicativo, a alegria imensa de ter recebido Jesus. E, nas horas esquecidas da vida, poderia segredar-lhe uma palavra de irrefragavel esperança naquilo que tudo pode!

Agora, unir-me a si, que não vê nada para além da cova—e que se atreve a meter isto na cabeça de pobres creancinhas, oh! isso nunca!...

Voz da Fátima

DESPEZAS

Transporte	91.774\$65
Papel, composição e impressão do n.º 64 (38.500 exemplares)	2.287\$50
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc.	677\$35
	94.739\$50

SUBSCRIPÇÃO

(Abril de 1926)

Enviaram dez escudos: Anibal da Cunha Nogueira, Domingos Martins Pimento, José Rodrigues, Manuel Barros de Carvalho, Antonio Fernandes Reguengo, José Candido G. de Carvalho, Maria da Conceição Matos Queiroz, P.e Antonio Martins Carneiro (de donativos e jornaes, 41\$00), Herminia da Fonseca e

Albuquerque, Vasco Thaumaturgo Teixeira Doria (20\$00), Maria do Carmo Pitter, Angelica Garcia da Silva, Maria Zuzarte de Mascarenhas (20\$00), Margarida Branco Cerqueira, Maria Angelica Torres de Lima, Maria José Lopes Guimarães, Cailda Alves Pereira Lima, Dr. João Alves Cortez, Ermelinda Zacarias, Maria Eugenia Sarmiento (15\$00), Maria Delfina Corte Real (20\$00), Antonio Rodrigues Grãos (20\$00), Emilia Moita (20\$00), Albertina Cardoso, Maria do Carmo Pinto, Cecilia Baptista, Gertrudes Rosa Penaforte, Lazarina Augusta de Matos, Maria do Rosario Machado Cruz, Maria Joaquina Batalha, Maria Aurora Neto, Maria Simões de Souza, Ilda Correia Duarte, Maria Batalha, Julieta Rôxo Ferreira, Emilia de Souza, Cesarina da Piedade, Carlos João Viegas, Albertina Dias Ferreira, Clotilde Mendonça, Maria da Conceição Nunes, Manuel de Caires, Manuel Duarte Silva, Gil Gago da Camara (13\$00), Julia da Conceição Baptista (5\$00), Maria da Conceição F. da Silva (12\$00), Atilia Saldanha Rocha, Maria Primitiva Castro, Maria Ernestina Aguiar de Vasconcelos, Aida Figueiredo, Henrique Elias (20\$00) Maria Figueiredo (25\$00), Maria da Conceição Lopes Braz (15\$00), Maria Caldas, Guilhermina de Lacerda, Maria Marques d'Oliveira e Silva, Manuel José da Rocha, Bernarda Maria de Jesus. P.e Francisco Antonio Valente, P.e Rodrigo Luiz Tavares, Eliza de Pinho Silva, Emilia Augusta e Silva, Maria Candida Espinha, Aldara Infancia, Silvina Maria Figueirinhas d'Oliveira, M. Branca Pereira Matos, Maria do Patrocínio Branco d'Amorim, Adelina de Jesus C. Faria, Manuel Marques Pereira, Maria Henriqueta da Costa Lobo (20\$00), Carmina da Rocha Calixto, Manuel José Lopes Dias, Maria do Rosario Matos Dias (20\$00), Maria de Jesus Oliveira, Maria Mesquita da Silva, Celestina dos Santos Reinas (20\$00) Ana Augusta Reinas, Ana Alves da Fonseca, Antonio Monteiro Balcão, Luiz de Freitas (20\$00), José Fernandes d'Almeida, Ana da Conceição Azevedo, Manuel Alves Soares Teixeira (16\$50, de jornaes) Dr. Antonio Pereira de Figueiredo, Artur d'Almeida d'Eça, A. D. Espirito Santo, Maria dos Anjos Lopes, Teresa de Jesus Raposo Violante (20\$00) Juliana A. Guedes Cardoso, Lucrecia Genaldes Nogueira Godinho, Maria Aurora Caero Fialho, Silvina dos Santos Guimarães (15\$00), Emigdio Gomes da Silva (20\$00), Maria de Lourdes da Cunha Bernardino, Maria José Tamagnini Barbosa de Carvalho, Maria Sena Martins (20\$00), Emilia Pacheco Azevedo (20\$00), Olinda Maria Rebelo, Luiza Correia Vasconcelos, Eufemia de Sousa Soares, Francisco d'Albuquerque Paixão, Francisco Fernandes Bexiga, Josefa Rosa, P.e Manuel de Medeiros Guerreiro, António Ferreira de Melo, Maria das Mercês Flores Brazil, Maria Amelia Brun, Teresa de Jesus Pereira, P.e João Maria de Andrade, Donativos vários e de jornais avulsos. Maria José Ferreira Paulino, 200\$00, Domingos Antonio Rebelo, 30\$00; Emilia Nunes da Rocha, 60\$00; P.e Manuel Sabino Marques, 65\$00; Joaquim Duarte de Oliveira, 150\$00; Igreja das Flamengas, 10\$00; da freguezia de Paião (por intermédio de José Marques Jordão), 80\$00; Josefa de Jesus, 46\$25; P.e Antonio Ferreira da Mata, 80\$00; P.e José Carlos Alves Vieira, 100\$00; internados do Sanatorio Semide, 79\$00; P.e Francisco d'Assis Andrade, 190\$00; Maria Pedrosa Matias Ferreira 49\$30; Ana da Conceição Neves, 108\$00; internados do Asilo de S. José, 15\$00; Beatriz Valente, 22\$50; Maria Clotilde Barros Figueiredo, 15\$00; Eliza A. L. Lourdes Mesquita, 45\$00; Teresa B. Forte, 50\$00; Gloria de Jesus, 7\$50; Manuel José Lopes Dias, 14\$00; Joaquim da Silva Carvalho, 92\$00; Maria das Dores Tavares de Souza, 157\$50; devotos de Ilhavo, 39\$00; Zulmira Galhardo, 46\$70; Guilhermina da Piedade Chaves, 90\$00; Maria Julia Marques Ferreira, 21\$50; Miguel Bento Nunes, 68\$00; Custodio Ferreira d'Almeida, 40\$00; P.e Augusto Durão Alves, 50\$00; Monsenhor Portugal, 260\$00; Abade de Esmoriz, 20\$00; P.e José Rodrigues Santos Lima, 260\$00; Francisco de Pinho Nunes, 170\$00; José Martins dos Santos, 40\$00; P.e Manuel Rodrigues de Carvalho, 120\$00; Carmen d'Almeida, 240\$00; Antonio Vieira Leite, 110\$00; Maria Fernanda Santos, 150\$00.

Da minha janela — ALMAS... ...RAMOS QUEBRADOS...

Como Deus é grande nas Suas obras... pensava eu, ao olhar com enlêvo para a linda amendoeira florida, que junto á minha janela deixava coar através das mimosas rosinhas de pétalas tão delicadas, os raios d'este belo sol de Janeiro.

E quedei-me, contemplando mais uma vez — era a continuação dos outros anos — aquêla maravilha que como tantas outras, são mimos delicados dum Deus, que nos bafeja como Pae amorosissimo.

... ..
Como aquêla arvore, assim devia ser a nossa alma: forte nos seus alicerces, grande na sua construção e ornada de lindas flôres — as flôres da virtude — que produzem os fructos das boas obras ás vezes duros e ásperos no exterior, mas bons e saborosos por dentro.

E enquanto fazia éstas considerações notei com grande espanto meu, um grande ramo quebrado, suspenso da arvore apenas por um fiosinho de casca — essa impressão me dava — mas como os outros, todo coberto de flôres.

Olhei melhor fixei mais a atenção e reconheci ser realmente aquele o ramo quebrado o inverno passado por ocasião d'um grande vendaval, e que então, qual cavaco sêco e sem utilidade esteve sentenciado a ser quebrado de vez e ir fazer companhia ás cavacas do fogão.

O esquecimento deixou-o ficar...

E agora, apenas alimentado com a pouca seiva que lhe passa através do bocadinho que o prende, ei-lo, pendurado sim, mas viçoso e sadio, nada ficando a dever em beleza aos outros ramos seus irmãos.

E' espantoso! pensava eu.

Quantas vezes com as almas não acontece o mesmo!

Parecem sêcas e velhas pobres farrapos onde não ha a luz d'uma esperança a aquecer e alentar aquêla dôr que as contorce, as quebra, e mirra...

Parecem uma inutilidade na vida...

Arrastadas pelas ventanias tempestuosas do mundo, levadas na corrente vertiginosa, ei-las ao cabo do caminho, quebradas de tanto esforço, cortadas, esmagadas, parecendo sem vida.

Para que servem? perguntamos nós. Afastemo-las do caminho, votemo-las ao desprezo; são notas desafinadas na harmonia do universo.

Quantas vezes não diremos assim!

Ai! não nos lembramos que aquêlas almas são de Deus e para Deus devem ir. Parecem mortas... sem vida... mas não pensamos que por mais tenue que seja o fio, por ele estão ligadas á origem de todo o ser, e que, em tempo oportuno por ele pode passar a seiva fecunda da graça vivificante que levanta, transforma e eleva, fazendo nascer na alma ressequida, a flôr viçosa da virtude e do bem.

Que o pessimismo nunca invada a nossa alma!

Vivamos de esperança...

Que se a nossa alma por vezes encailha, é por falta de fé na misericórdia de Deus que, no dizer do grande apostolo pregoeiro da misericórdia do Rei divino, a justiça de Deus é infinita sim; mas comparada com a Sua misericórdia também infinita, é a pontinha d'um dedo junto d'uns braços abertos.

... ..
A eloquencia muda d'uma arvore...

... ..
Como Deus nos fala por meio da criação!...

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..